

ESCREVER PARA EXISTIR E RESISTIR: NARRATIVAS DE SI DE MULHERES PRIVADAS DE LIBERDADE NO JORNAL *SÓ ISSO!*

■ DAIANE TAVARES

 <https://orcid.org/0000-0001-5776-0439>

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte

Universidade do Estado do Rio de Janeiro

RESUMO

Utilizando como fonte de pesquisa o jornal *Só Isso!*, produzido por internas da Penitenciária Talavera Bruce, localizada na cidade do Rio de Janeiro, o presente trabalho busca trazer à tona parte da trajetória dessas mulheres por meio de suas escritas e contribuir para a reflexão acerca das vicissitudes do encarceramento feminino. Por meio dessas narrativas que nascem do encarceramento, apenas resistem e expressam suas existências em um contexto desumanizador que busca apagar suas experiências e sentimentos. Tal impresso circulou entre os anos de 2004 e 2008, e se configurou como uma possibilidade de garantir trabalho para as internas e uma forma de desabafar, amenizar a solidão e relatar as dificuldades da vida no cárcere. Diante do exposto, trago para a discussão os temas de grande presença no jornal que dizem respeito à maternidade na prisão, às práticas religiosas, e à luta desses sujeitos por melhores condições de vida. O impresso *Só Isso!* representou um avanço no sentido de possibilitar que, a partir da escrita, essas mulheres fossem capazes de aliviar suas tensões, transmitir uma ideia de si, reinterpretar suas vidas na busca pela reconstrução de suas histórias, na medida em que refletiram sobre sua condição de apenas e projetaram um futuro melhor para além dos muros e grades da prisão.

Palavras-chave: Penitenciária. Mulheres. Escrita. Impresso. Resistência.

ABSTRACT

WRITING TO EXIST AND RESIST: NARRATIVES OF WOMEN DEPRIVED OF THEIR LIBERTY IN THE NEWSPAPER *SÓ ISSO!*

Using the *Só Isso!* (just that!) newspaper, as a source of research, produced by inmates of the Talavera Bruce Penitentiary, located in

the city of Rio de Janeiro, this paper seeks to bring to light part of the trajectory of these women through their writing and contribute to reflection on the vicissitudes of female incarceration. Through these narratives that are born out of incarceration, women prisoners resist and express their existence in a dehumanizing context that seeks to erase their experiences and feelings. The paper circulated between 2004 and 2008 and was seen as a way of guaranteeing work for the inmates and a way of letting off steam, alleviating loneliness and recounting the difficulties of life in prison. In light of the above, I would like to discuss the newspaper's major themes, which concern motherhood in prison, religious practices and the struggle of these subjects for better living conditions. The newspaper *Só Isso!* represented a step forward in the sense that, through writing, these women were able to relieve their tensions, convey an idea of themselves, reinterpret their lives in the search for the reconstruction of their histories, to the extent that they reflected on their condition as inmates and projected a better future beyond the prison walls and bars.

Keywords: Penitentiary. Women. Writing. Print. Resistance.

RESUMEN

ESCRIBIR PARA EXISTIR Y RESISTIR: NARRATIVAS DE MUJERES PRIVADAS DE LIBERTAD EN EL PERIÓDICO *SÓ ISSO!*

Utilizando como fuente de investigación el periódico *Só Isso!* producido por reclusas de la Penitenciaría Bruce de Talavera, ubicada en la ciudad de Río de Janeiro, este trabajo pretende sacar a la luz parte de la trayectoria de estas mujeres a través de su escritura y contribuir a la reflexión sobre las vicisitudes del encarcelamiento femenino. A través de estas narrativas que nacen del encarcelamiento, los reclusas resisten y expresan su existencia en un contexto deshumanizador que busca borrar sus experiencias y sentimientos. El periódico circuló entre 2004 y 2008 y fue visto como una forma de garantizar trabajo a las reclusas y una manera de desahogarse, aliviar la soledad y relatar las dificultades de la vida en prisión. A la luz de lo anterior, me gustaría discutir los principales temas del periódico, que se refieren a la maternidad en la cárcel, las prácticas religiosas y la lucha de estas personas por mejores condiciones de vida. El periódico *Só Isso!* representó un avance en el sentido de que, a través de la escritura, estas mujeres pudieron aliviar sus tensiones, transmitir una idea de sí mismas, reinterpretar sus vidas en la búsqueda de la reconstrucción de sus historias, en la medida en que reflexionaban

sobre su condición de reclusas y proyectaban un futuro mejor más allá de los muros y barrotes de la prisión.

Palabras clave: Penitenciária. Mujeres. Escritura. Imprensa. Resistencia.

Introdução

Como refletir sobre a realidade no cárcere a partir de um jornal produzido por apenadas? O que pode nos revelar essas escritas? Motivada por essas indagações e pelos relatos encontrados no jornal intitulado *Só Isso!*¹, impresso produzido pelas internas da Penitenciária Taverava Bruce², busco compreender como as narrativas dessas mulheres em condições de violência, seja física ou simbólica, assumem um lugar de (re)composição de sentimentos de si próprio de sua existência. São relatos de resistências que contribuem para a superação de silenciamentos e traumas vividos (Souza; Balassiano; Oliveira, 2014). Por meio dessas escritas que nascem do encarceramento, mulheres e homens resistem e expressam suas existências em um contexto desumanizador que busca apagar suas experiências e sentimentos.

Assim como em outros jornais, por meio do *Só Isso!*, “[...] emergem ‘vozes’ silenciadas noutros espaços sociais, tais como a academia ou o livro impresso” (Nóvoa, 2002, p. 31). Esse jornal demonstra o quanto essas mulheres se recusam a cumprir a invisibilidade imposta àqueles que estão em cumprimento de pena e se mostram, se fazem ouvir, pela palavra, pelo que expressam a partir do impresso.

Nesse sentido, é a partir das questões que envolvem o encarceramento feminino, e nas condições históricas pelas quais são percebidas, que o estudo desse impresso se faz relevante. Apesar de não ser um jornal voltado

para um público escolar, é possível pensá-lo como uma ação educativa, entendendo educação como um processo mais amplo, na medida em que discute valores, hábitos e comportamentos, reconhecendo a voz de um grupo que possui especificidades em seu modo de vida, e utiliza o recurso da escrita como uma forma de interagir com o cárcere.

Diante do exposto, a relevância da temática em questão justifica-se por possibilitar a produção de uma memória histórica dessas mulheres por meio de suas escritas, que podem muito contribuir para a reflexão a respeito das vicissitudes do encarceramento feminino. Trata-se de perceber a escrita como uma prática cultural, uma forma de veicular ideias, um suporte para a memória e um sistema de representações de ideias que possuem especificidades e podem nos revelar nuances da vida em espaços de privação de liberdade. O trabalho de pesquisa a partir do *Só Isso!* é uma possibilidade de compreender um pouco mais sobre a realidade das mulheres privadas de liberdade, valorizando a escrita oriunda de um contexto em que os rigorosos meios de controle utilizados pela instituição penitenciária acabam por desumanizar os sujeitos apenados.

O *Só Isso!* surgiu a partir da iniciativa de quatro mulheres: Lotta Hagstrom, uma finlandesa; a alemã, Sabrina Hagel; a boliviana, Lila Mirtha; e a brasileira, Marileine. Na formação inicial da equipe, Sabrina era a editora do impresso, Lila e Marileine atuavam na redação do jornal e Lotta elaborava suas ilustrações. Segundo relatos encontrados nas páginas do impresso, estabelecer, a partir do *Só Isso!*, uma forma de comunicação entre os sujeitos priva-

1 Trata-se de um impresso que circulou entre os anos de 2004 e 2008 e contou com patrocínio de empresários. Era distribuído em todos os presídios do Rio de Janeiro e chegou a circular em unidades prisionais de outros estados.

2 Penitenciária feminina de segurança máxima localizada no Complexo de Gericinó, no Rio de Janeiro.

dos de liberdade e uma maneira de oferecer trabalho às internas, foram as maiores motivações para a sua criação.

A interpretação desenvolvida parte do entendimento de que há “[...] necessidade de se articular os textos com os contextos de produção e recepção, através de práticas que permanecem históricas, ou seja, baseadas na (re) produção de sentido através de diferentes espaços-tempos” (Mignot; Bastos; Cunha, 2000, p. 21). Nesse sentido, é possível perceber no impresso aqui estudado que as “feridas” desses sujeitos “[...] passam a ser explicitadas e (re) organizadas no mundo que os cerca. Em outras palavras, trata-se de um lugar de empoderamento” (Souza; Balassiano; Oliveira, 2014, p. 13).

Dessa maneira, trago para a discussão os temas de grande presença no jornal que dizem respeito à maternidade na prisão, às práticas religiosas, e à luta desses sujeitos por melhores condições de vida. Tendo em vista o fato desse tema ter fronteira tênue entre os campos de pesquisa, constituiu-se como fundamental o diálogo com autores que trazem dados sistematizados sobre o universo prisional e auxiliam na sua compreensão. No presente artigo, destaco Bárbara Soares, Iara Ilgenfritz, Drauzio Varella e Camila Dias.

Trata-se de, a partir das representações do universo prisional que emergem nas páginas do jornal, trazer as “[...] diferentes histórias centradas em narrativas de si, ancoradas na perspectiva de que homens e mulheres ‘machucados’ pela vida e pelo mundo que os cerca e que encontram na ação de narrar, um lugar de resistência, de (re)construção de si e do mundo à sua volta” (Souza; Balassiano; Oliveira, 2014, p. 13).

Temas que arrebatam

A investigação desse impresso permitiu perceber como alguns temas ganham muita força

no jornal, talvez por causarem grande identificação com seus leitores. Nesse sentido, foi possível mapear três temáticas de destaque no jornal: a questão das práticas religiosas; a maternidade na prisão; e a luta por melhores condições de vida. Destaco ainda que darei maior visibilidade ao tema que diz respeito à religião, tendo em vista o grande número de matérias que abordam a temática no impresso aqui estudado.

Práticas religiosas

O que sobressai no jornal é a forte presença de denominações evangélicas e é fácil identificar na seção de cartas de leitores textos inspirados na Bíblia, o que pode ser ocasionado pelo fato “[...] das igrejas, principalmente a Igreja Universal do Reino de Deus, oferecer uma quantidade razoável de livros e panfletos evangélicos para o aprofundamento religioso” (Oliveira, 2010, p. 130). Algumas cartas sequer trazem qualquer referência ao jornal, apenas destacam o trabalho de igrejas evangélicas, exaltando o trabalho dessas entidades religiosas:

Gostaria de aproveitar esse pequeno espaço para poder dar os meus sinceros parabéns à grande equipe da igreja Nova Vida de Rocha Miranda, que tanto nos honra com sua presença. São verdadeiros anjos enviados pelo Senhor Jesus, que saem de suas casas, deixam o seu trabalho de lado, largam seus afazeres para nos trazerem uma palavra de conforto, um gesto de carinho (Só Isso!, n. 4, dez. 2004c, p. 4).

Nela, também percebemos os sentidos que essa interna imprime à referida igreja e o que esta representa em sua vida. Há uma busca por conforto e consolo garantidos pelos pastores e pela presença nos cultos: “para ser redimida, deve ser corrigida pela via exclusiva das leituras do texto sagrado. Tudo no presídio é impregnado por este pensamento, porque parece ser mais fácil domesticar pela palavra vin-

da da divindade” (Oliveira, 2010, p. 131). Uma outra carta associa o trabalho do jornal com uma obra divina, sendo a equipe da redação instrumentalizada para também confortar e encorajar a todos os internos que têm acesso ao periódico:

[...] pois tenho a total certeza que Deus as tens instrumentalizado grandemente para nos exortar, consolar e principalmente nos edificar; eu traduzo como levantar, reerguer, reativar, encorajar, pois é assim que me sinto, quando tenho a honra de ler estas ilustres publicações.

Enéias Santos de Souza (Bangu II) (*Só Isso!*, n. 2, ago. 2007, p. 10).

Um outro espaço do jornal permite melhor compreender as práticas religiosas nos espaços de privação de liberdade. Trata-se de uma seção voltada exclusivamente para temáticas que envolvem as diversas religiões presentes na Penitenciária Talavera Bruce e que possibilita melhor compreender como a religiosidade perpassa a vida dos leitores e escritores do *Só Isso!*. Segundo matéria “As religiões nossas de cada dia”, publicada no impresso da Penitenciária Talavera Bruce, existem mulheres praticantes de diversas religiões e é importante que haja respeito pela escolha religiosa de cada uma das internas. Além disso, esse trecho do jornal é importante no sentido de mostrar qual a religião mais seguida na Penitenciária:

No Talavera Bruce, assim como em todo mundo, há uma mistura de povos e de religiões, mas é de bom tom respeitar as opiniões e escolhas do próximo. Aqui, das 374 internas que existiam no final de abril, a maioria (70%) é evangélica, seguida por 20% de católicas e 10% de outras religiões (*Só Isso!*, n. 9, mai. 2006b, p. 1).

Tais dados são confirmados pela pesquisa de Bárbara Soares e Lara Ilgenfritz (2002), que aponta ser movimento mais frequente na penitenciária o de adesão às denominações evangélicas. Entre as internas que relataram não ter religião antes do encarceramento, 27% se

converteram em evangélicas, assim como 24% eram católicas e um terço adeptas de cultos afro-brasileiros. Essa realidade parece abarcar também outros estados, já que estudo realizado por Camila Caldeira Nunes Dias (2008), no estado de São Paulo, constatou que a quantidade de evangélicos aprisionados é bem expressiva.

Tal fato leva à reflexão dos motivos de presença tão forte de grupos religiosos nos espaços de privação de liberdade e o que esse grupo de evangélicos representa na prisão. O *Só Isso!*, por meio da seção “Religião, espiritualidade, fé e esperança”, traz pistas acerca dessas questões e permite problematizar a religiosidade nas instituições penais e as razões do predomínio evangélico.

Nas páginas do impresso, verifica-se o quanto é latente a posição da própria redação do jornal que deixa clara a sua preferência a estes cultos. Isso se evidencia em várias matérias que parabenizam, falam da importância e dão grande destaque para o trabalho e eventos dos cultos evangélicos. Na seção em destaque, também existem textos que falam das diversas entidades religiosas, porém estas aparecem em menor quantidade no jornal. Uma matéria contida na edição de número 9, de 2006, destacou internas de outras religiões – católica, umbandista, espírita e budista –, o que demonstra que as apenas as cultuam as diversas práticas religiosas apesar de grande parte ser integrante de denominações evangélicas.

Analisando todo o conteúdo do periódico voltado para as práticas religiosas existentes na Penitenciária Talavera Bruce e demais presídios do estado, surgem algumas questões: por que existe tanta identificação com as denominações evangélicas? Qual a identidade desse grupo dentro das instituições penais? O que envolve esse grande número de internas convertidas? O que prega essa denominação religiosa?

Em primeiro lugar, é preciso compreender que “[...] os evangélicos se constituem como um grupo religioso *sui generis*, com uma série de características próprias e específicas que os distinguem dos demais presos, religiosos ou não” (Dias, 2008, p. 77). Essas características dizem respeito ao modo de vestirem, de se comportarem, da separação dos demais presos, de certas regalias concedidas pela direção da unidade, assim como cobranças e perseguições daqueles que não seguem a religião. Além dessas questões, ainda existe o fato de essas igrejas ajudarem materialmente alguns internos, e da própria ideologia da crença que traz a salvação por meio da conversão religiosa, como nos aponta Varella (2005, p. 92) ao dizer que “a pregação dos pastores protestantes, que oferecem o caminho do céu pelo conhecimento da Bíblia e de uma divisão clara entre o Bem e o Mal, obtém mais sucesso do que dos padres católicos”.

O trecho a seguir é bastante significativo no sentido de mostrar a dimensão do trabalho e poder das denominações evangélicas dentro dos presídios e diz respeito à Associação das Igrejas Evangélicas Atuantes nos Presídios do Rio de Janeiro:

A Associação das Igrejas Evangélicas Atuantes nos Presídios do Estado do Rio de Janeiro (ASSIAPERJ) é uma instituição civil de natureza religiosa e filantrópica que tem como objetivo prestar serviços de caráter social, cultural e educacional e dar assistência aos presos condenados, seus familiares e às famílias das vítimas. Suas atividades são: propagar o evangelho do Senhor Jesus nos presídios e penitenciárias; promover o desenvolvimento social e cultural do preso, visando sua reintegração à sociedade; promover palestras sobre cidadania e direitos humanos com advogados (voluntários); prestar acompanhamento psicológico e social com cestas básicas aos familiares das vítimas; dar formação profissional nas áreas de marcenaria, computação, elétrica e eletrônica, e promover curso básico em teologia e pré-vestibular co-

munitário (Educafro). Para manutenção de nossos projetos contamos com contribuições das Igrejas Evangélicas que compõem a ASSIAPERJ e de todos que quiseram participar na recuperação espiritual, moral e social do ser humano (Só Isso!, n. 8, jan. 2006a, p. 8).

Posto isso, podemos refletir nos motivos que levam à conversão de muitos apenados: alguns se interessam pelo cunho moralizante e de certa forma buscam conforto nessa ideologia religiosa, outros pelos ganhos materiais e, principalmente, para fugir de perseguições de companheiros, já que “[...] um critério adotado em todos os presídios do Rio de Janeiro é o de haver pavilhões ou celas separadas para as ‘crentes’” (Soares; Ilgenfritz, 2002, p. 37), como veremos mais adiante.

No entanto, se a conversão religiosa pode ajudar alguns internos, é preciso atentar para algumas tensões, contradições e ambiguidades que giram em torno, sobretudo, das situações que envolvem os praticantes religiosos evangélicos que estão em nossas prisões. Muitas apenadas e apenados se envolvem com a referida religião a fim de serem privilegiadas, já que os funcionários e a própria direção da unidade percebem o grupo evangélico constituído por sujeitos mais calmos e disciplinados. “A disciplina e a violência são os dois elementos mais citados pelos funcionários quando se referem às influências da religião no comportamento do preso [...]” (Dias, 2008, p. 67).

Grupos não aceitos e perseguidos pelos companheiros de cela muitas vezes se escondem por trás da Bíblia para se protegerem da violência. Estupradores, justiceiros, usuários de droga inadimplentes, delatores e ladrões que trapacearam na divisão do roubo às vezes fingem se converter para contar com a proteção do grupo religioso e, como usam as mesmas roupas, carregam a Bíblia e repetem o nome do Senhor a cada frase, é impossível distingui-los dos crentes de verdade (Varella, 2005).

Soares e Ilgenfritz (2002, p. 37-38) destacam com muitos detalhes como essa realidade é vivida na Penitenciária Talavera Bruce:

A equipe de pesquisa também identificou uma atmosfera bastante diferente nos alojamentos das crentes em comparação com os demais: elas observam mais o silêncio, estão sempre com uma Bíblia por perto, fazem orações e entoam cânticos em conjunto. Contudo, é possível encontrar falsas 'crentes' entre elas, pois há um entendimento tácito entre muitos servidores e servidoras de que a presa que é 'crente' é mais confiável, submissa, obediente e disciplinada. Nessa linha de raciocínio, criou-se o hábito de contemplá-las com certas regalias e privilégios. Efetivamente, algumas entrevistadas denunciaram tal situação e outras, quando indagadas, revelaram os verdadeiros motivos de sua conversão: dispõem do privilégio de dormir em celas onde são menos 'importunadas' pelas agentes. Tal lógica conduz à hipótese de que é provável que se encontre mais prisioneiras exercendo as funções de espiã, 'X9', alcaguete entre o contingente das crentes do que entre as que não têm religião ou as que pertencem a outras, minoritárias.

No entanto, as mulheres e homens evangélicos, apesar das regalias concedidas pelos profissionais de segurança, encontram dificuldades e "[...] é árdua a trajetória dos novos convertidos, pois a marcação sobre a vida alheia é cerrada. O fiel não escapa à vigilância permanente do grupo e ao olhar onipresente do Senhor" (Varella, 2005, p. 93). Deve-se ainda, trazer a dimensão das muitas desconfianças em torno das motivações reais para cada conversão, tendo em vista o apoio material oferecido por partes das igrejas.

Como podemos observar, as práticas religiosas abarcam muitas questões contraditórias, ambíguas, e avaliar o quanto a religiosidade, principalmente de cunho evangélico, é importante para a sobrevivência no cárcere seja para o conforto espiritual ou numa lógica de proteção e poder para aqueles que não

possuem espaço no universo da cadeia, é de grande complexidade. O objetivo deste trabalho não é esgotar a discussão, mas apenas perceber, como a partir da escrita dos internos na seção "Carta de leitores" e "Religião, espiritualidade, fé e esperança" é possível entender melhor a recepção do *Só Isso!* nos diversos presídios e outras instituições, pensar nas práticas de leitura existentes na prisão e problematizar a marca religiosa presente no jornal a partir das cartas escritas pelos seus leitores e por meio da seção voltada para a religião presente no impresso.

Dando continuidade à investigação acerca dos temas que arrebatam o *Só Isso!*, serão discutidas a questão da maternidade e a dificuldade das privadas de liberdade em manterem o vínculo familiar.

Maternidade, família e abandono

Não há como refletir acerca das vicissitudes do encarceramento feminino sem pensar na maternidade e nas condições que envolvem a permanência dos filhos e filhas das internas na prisão. Tendo em vista essa realidade, trata-se de um tema recorrente nas páginas do *Só Isso!* e, sem dúvida, essa é uma das questões mais relevantes trazidas pelo impresso. A saudade da família, a separação dos filhos que nascem na cadeia, a dor de deixar crianças do lado de fora, além de culpa, vergonha, dificuldades e solidão estão estampados na página do jornal:

Nunca pensei que fosse acontecer isso comigo; desde que eu cheguei, me senti angustiada, com saudades dos meus outros filhos e da minha família, em especial da minha mãe, que até agora não me visitou por que não perdoa o que eu fiz. O maior dos meus desejos é ir embora, mas mesmo me sentindo só, tenho ajuda de todas as colegas de sofrimento, das funcionárias e, no período da gravidez, da ginecologista e dos psicólogos (*Só Isso!*, n. 6, maio 2005, p. 5).

Esse sentimento de culpa, vergonha, a enorme tristeza pela condição de mulher presa, incomoda essas mulheres também pelo fato de ser compartilhado com seus familiares. Talvez haja receio, no sentido de prever o quanto essa experiência possa interferir no futuro dos filhos e netos, e o quanto o estigma carregado pelas apenadas pode marcar a vida de suas famílias.

A mulher presa é vista e se coloca como transgressora em seu papel de mãe e esposa, e, numa sociedade em que o papel social da mulher se confunde com a figura de mãe, muitos a encaram como um ser apartado do convívio social, ignorante quanto às regras do jogo do mundo em que vive, infantil por sua condição de dependente da figura masculina, e impedida de exercer sua própria sexualidade. Por essa concepção frente ao papel social da mulher, aquela que se encontra na condição de conflito com a lei é simplesmente repudiada.

É fato que muitos avanços ocorreram no que diz respeito aos diversos papéis sociais que hoje são permitidos às mulheres, no entanto, ainda há uma forte presença de atributos ideológicos delegados à mulher, sempre marcados por expressões tais como: dar, cuidar, ceder. Nesse sentido, a mulher apenas sente-se e é percebida como alguém que rejeitou essas atribuições que lhe são “naturais” e, como consequência, uma enorme culpa toma conta de algumas dessas mulheres.

Uma matéria intitulada “Mamãe, por que você não volta?”, escrita por uma interna, traz à tona essa questão e fala das mães que não sabem o que responder para os filhos quando são indagadas pelo fato de estarem distantes:

São vários os fatores que levam os pais a não falarem a verdade para os filhos. Em primeiro lugar, a falta de conhecimento de como devem ser respondidas as perguntas das crianças que sofrem junto com os seus pais que estão presos. Em segundo lugar, o temor que com o passar

do tempo venham a ser adultos que carreguem revolta. Em terceiro lugar, temem que a criança pergunte qual o crime que cometeram e muitas outras coisas que levariam a dar respostas não verdadeiras. Só que estes pais esquecem que a criança cresce e passa a entender de outra forma tudo que acontece ao seu redor.

Vamos que essa mãe ou esse pai tenham pegado uma pena alta. Como ela irá explicar ao seu filho que perguntou: ‘Mãe, você já está há muito tempo aqui, por que não volta pra casa?’ (Só Isso!, n. 2, ago. 2004b, p. 6).

A manutenção dos vínculos familiares principalmente para as mulheres que têm filhos durante o cumprimento da pena é fundamental, pois estas precisam muito do suporte material e emocional dos familiares para o desenvolvimento das crianças. Nesse sentido, garantir apoio financeiro às famílias para se deslocarem até o presídio, estabelecer um calendário que favoreça as visitas e possibilitar formas de comunicação com a família por meio de telefones públicos, são medidas simples, mas que, se assumidas pelo Estado, podem constituir formas de transpor obstáculos na manutenção de vínculos familiares e afetivos das internas com seus entes queridos.

Também segundo informações contidas no jornal, os filhos das internas que nascem durante o período em que a mãe está cumprindo pena permanecem na unidade no período de amamentação, que varia de seis a nove meses e, no caso das estrangeiras, as crianças podem ficar até a idade de um ano e seis meses. Muitas mulheres, após esse período, entregam seus filhos para familiares ou para abrigos e muitas vezes perdem o contato com as crianças e “[...] esse processo de separação dos filhos é considerado pela maioria como uma das piores dificuldades para superação da prisão” (Santa Rita, 2007, p. 138). Esse fato é apontado pelo jornal: “Em um diálogo com uma das mães ela disse que a pior parte é quando vai chegando o tempo de separação de seu bebê –

o medo é simplesmente inexplicável” (Só Isso!, n. 1, maio 2004, p. 1).

Em 2004, quando a matéria “Bebês são sempre uma benção” foi publicada na primeira edição do jornal, havia 24 crianças na creche, sendo 13 meninas e 11 meninos. Essa matéria trouxe informações sobre a Unidade Materno-Infantil da Penitenciária Talavera Bruce e das dificuldades enfrentadas pelas mães encarceradas:

A pesquisa revela as necessidades das mães e dos bebês, que são fraldas descartáveis de todos os tamanhos, fraldas de pano, calças plásticas, mamadeiras e bicos. Roupas até oito meses (não importa se já foram usadas), brinquedos, produtos de higiene para os bebês e as mães [...] (Só Isso!, n. 1, maio 2004a, p. 1).

Segundo Rosangela Santa Rita (2007, p. 129), o fato de a creche se tornar Unidade Materno-Infantil tem a sua relevância:

[...] na medida em que o próprio sistema penitenciário local reconheceu que essa estrutura prisional também não apresentava configurações específicas para o desenvolvimento de atividades próprias de uma creche. De forma similar ao Estado do Rio Grande do Sul, a estrutura física desse local consiste basicamente em alojamentos coletivos para mães e crianças, banheiros, cozinha, lavanderia, sala de coordenação, sala da equipe técnica e sala de recreação para crianças, contendo alguns brinquedos. Também é usada para fins de palestras socioeducativas para as mulheres.

Muitas questões envolvem a permanência dos filhos de internas dentro das unidades prisionais e essa é uma discussão de muita complexidade. Se, por um lado, manter os filhos próximos às mães é importante, crianças vivendo em um ambiente de privação de liberdade, apartadas do convívio social, em espaço conflituoso, com condições materiais precárias e insalubres, é bastante adverso. Além desses fatores, há que se considerar que muitas mães consomem psicoativos na

prisão, que não há uma rede de apoio necessária, seja por parte de profissionais da instituição – médicos, psicólogos, assistentes sociais – e da própria família da interna que muitas vezes não possui recursos para visitar e ajudar. No entanto, é muito importante para o desenvolvimento emocional das crianças o contato com a mãe e, além disso, muitas não têm familiares que possam cuidar das crianças após a separação, sendo estas encaminhadas para abrigos. Outro ponto de extrema relevância é o fato de a presença dos filhos diminuir as angústias das apenadas, amenizando sofrimentos:

O encarceramento feminino, além de se relacionar às diversas restrições ‘intramuros’, como a visita íntima, ultrapassa o ambiente de prisão. Longe de ser um espaço de ‘recuperação’, a prisão de mulheres parece ter seu efeito mais perverso na quebra dos vínculos familiares, no abandono de crianças que mesmo estando além dos muros de confinamento, se encontram em outros muros de exclusão e de miserabilidade, com a ausência da figura materna (Santa Rita, 2007, p. 99).

Certamente, essa discussão e reflexão acerca da problemática está muito longe de se esgotar e muitas são as ações necessárias na tentativa de achar melhores alternativas para a mulher presa e seu filho, enxergando-os como sujeitos de direitos e entendendo as questões de saúde física e emocional que envolvem a mãe presa, tendo como prioridade o direito à dignidade³.

Nesse sentido, para ampliar a discussão acerca das adversidades que perpassam a Penitenciária Talavera Bruce, destacarei a seção “Boca no trombone” e textos do impresso que trazem a rotina na prisão por se constituírem como espaços do jornal que trazem as dificul-

3 Foi criada a Lei nº 14.326/2022, com o objetivo de garantir à mulher presa gestante ou puérpera tratamento digno em todo período pré e pós-gestacional, assim como assistência integral à saúde dela e do recém-nascido.

dades de um presídio feminino e o cotidiano na instituição.

Tal destaque se dá pelo fato de compreender que estudos que envolvam as instituições prisionais e os sujeitos nelas enclausurados exigem atenção simultânea em seus diferentes aspectos e dimensões, sempre articulados uns aos outros, indissociáveis,

[...] que integrem o cotidiano, seu dinamismo e suas especificidades como contribuição a um entendimento ampliado das complexas relações entre permanências e inovações, entre repetição e invenção, entre o peso dos papéis sociais, das normas e instâncias sociais e institucionais e as apropriações e uso destes pela realidade social específica. Isto, entretanto, sempre considerando e respeitando a complexidade do real (Barbosa, 2008, p. 139).

Diante dessa perspectiva, a coluna “Boca no trombone” abre um espaço em que as mulheres da Talavera Bruce lutam por seus direitos na prisão. Nessa seção, percebemos as muitas dificuldades e carências da unidade e como esses sujeitos, a partir da possibilidade de reivindicar melhores condições de vida por meio do impresso, fazem com que este se torne um instrumento político e educativo. Além da seção em destaque, busco levantar um pouco da rotina das internas, refletindo sobre o cotidiano na prisão e as marcas deixadas pela vida no cárcere por meio de matérias que remetem ao dia a dia das apenadas.

Luta por melhores condições de vida

O que me chamou atenção, tendo em vista a dura realidade de uma instituição prisional feminina, foi o fato de a seção “Boca no trombone” se restringir a apenas dois ou três parágrafos, ocupando um espaço mínimo no jornal. Para discutir essa questão, vale atentar para o que aponta Marta Carvalho (2005), sobre a necessidade de levar em conta o lugar de poder

em que se articulam as estratégias que põem o impresso em circulação, o que implica contextualizar o objeto da análise em uma situação determinada.

Trazer uma seção com reivindicações que buscam a melhoria do sistema prisional, expondo todos os problemas dessas unidades que abrigam os sujeitos privados de liberdade, acredito ter sido um ponto de grande negociação entre as mulheres que escrevem o jornal, a Direção da penitenciária e a própria Secretaria de Administração Penitenciária do Estado. No que diz respeito ao conteúdo dessa seção, muitas são as reivindicações feitas por suas escritoras. Vale destacar um trecho que retrata a falta de respeito das autoridades com as internas:

Sei que somos culpadas por estarmos neste lugar, mas sei que podemos ser tratadas com um pouco mais de dignidade, pois já estamos pagando pelos nossos erros. Fico triste em ver muitas internas que não têm um familiar que as ajude. E as unidades precisam que os senhores governantes nos dêem mais atenção pois faltam cobertores, material de higiene para as internas, o governo nos trata como porcos. Temos três refeições por dia, café-da-manhã, almoço e jantar. O governo não tem culpa de estarmos aqui, mas também não temos culpa de não termos chance na sociedade. Quem não tem família chora e dorme com fome, a não ser que a colega sinta pena e lhe dê algo para comer, o que é mais triste ainda. Que os senhores governantes e empresários pensem nas unidades prisionais com mais respeito, pois apesar de sermos internas somos seres humanos e precisamos ser tratadas com mais respeito. Pois já sofremos com nossas culpas e arrependimentos (Só Isso!, n. 2, ago. 2004b, p. 7).

Além da lamentável realidade exposta anteriormente, muitos outros problemas afetam essas mulheres. Percebemos nesse espaço do impresso a reivindicação por trabalho na prisão, pedidos de medicamentos, ambulância, médicos para a unidade, cadeiras de rodas, agasa-

lhos, camas para os alojamentos, cobertores, equipamentos para o consultório dentário, solicitação de fraldas para os filhos das apenadas que estão na creche da penitenciária, entre outras. Entre todas as questões mencionadas, vale destacar um tema recorrente na seção: a falta de oferta de trabalho para essas mulheres e homens de outras unidades prisionais.

Todas essas dificuldades físicas e materiais que denotam a precarização das assistências e direitos aos privados de liberdade aliam-se à tristeza individual de cada interna que sofre em sua cela e desabafa por meio do *Só Isso!*. O trecho da matéria “Diário de uma detenta” expõe a dificuldade de estar enclausurada e a dificuldade de viver em um ambiente tão hostil e que não prepara para a vida além das grades:

O clarão do dia vem surgindo, chego até as grades para contemplá-lo, e isto aumenta mais o meu desejo de ser livre. O meu sol que já era pouco se tornou nenhum nesse cativoiro de sombras, onde a minha vida passa simplesmente por passar. Olho ao redor e vejo que nada mudou! É a mesma aparência morta de um cemitério. Talvez possam existir mortas-vivas como eu, enterradas na sombra do esquecimento pela fonte da realidade que é a ‘Sociedade’ (*Só Isso!*, n. 4, dez. 2004c, p. 1).

Nos estabelecimentos penais os internos e internas, apesar da precariedade do sistema prisional, decidem de que forma buscam uma maneira de amenizar as mazelas do encarceramento e, de alguma forma, o trabalho, a escrita e a leitura se configuram até mesmo como estratégias de sobrevivência: “aqui no TB é assim, onde umas andam pela cadeia vendo e ouvindo todo o tipo de gente e de situações, já outras estudam, trabalham ocupando o tempo e a mente de forma útil” (*Só Isso!*, n. 10, set. 2006c, p. 3).

A compreensão acerca do cotidiano e dificuldades da Penitenciária Talavera Bruce, a partir do *Só Isso!*, traz a reflexão e o entendi-

mento do universo prisional pela voz dos sujeitos encarcerados. Tendo como enfoque a análise de suas escritas, é possível perceber e destacar a importância destas nos espaços de privação de liberdade que, por meio desse impresso, remonta os sentidos da comunicação entre os internos, assim como faz emergir a complexidade de um estabelecimento penal feminino.

Nesse sentido, a relevância desse trabalho se configura por trazer à tona sujeitos invisibilizados pelas pesquisas acadêmicas e revelar parte do universo complexo e degradante que os cerca. O impresso em destaque garantiu a discussão acerca das dificuldades da vida no cárcere e as ambiguidades, tensões e precariedades das propostas educacionais, das atividades laborativas, das condições materiais dos estabelecimentos penais, além da religiosidade e das dores da prisão que passam pela ausência da família, pela separação dos filhos, pelo estigma carregado por mulheres presas e todas as mazelas físicas, emocionais e materiais que cercam a vida de homens e mulheres privados de liberdade.

Considerações finais

O estudo do *Só Isso!* possibilita mergulhar nas diversas nuances do encarceramento feminino e nos possíveis sentidos que a escrita na prisão assume na vida dos privados e privadas de liberdade. A tentativa deste estudo é dar visibilidade à realidade das privadas e privados de liberdade e suscitar a reflexão de caminhos possíveis para as instituições que abrigam essas mulheres e homens. Pensar na escrita contida no jornal é também uma forma de contribuir para que as demandas de mulheres apenadas sejam ouvidas, na medida em que se dá visibilidade às suas vozes e às suas necessidades. Sendo assim, é possível trazer, a partir do *Só Isso!* uma reflexão acerca da necessidade

de propostas e políticas visando avanços na posição feminina, auxiliando o acesso social e minimizando as situações de discriminação. Diante dessa perspectiva, o trabalho aponta para a possibilidade de investigação de outros impressos produzidos no cárcere, assim como outros caminhos possíveis para a análise do *Só Isso!*

Os textos que emergem nas páginas do impresso mostram um mundo de emoções, fragilidades, escolhas e aprendizados, que é fortemente exposto pelas encarceradas e, nesse espaço de escrita e leitura, estas produzem um conhecimento sobre si, sobre o universo prisional, sobre as dificuldades e os sonhos para o futuro. São relatos singulares, carregados de subjetividade e experiências.

Nesse sentido, esse impresso se configurou como um instrumento de grande importância para esses sujeitos, pois contempla todas as encarceradas de alguma forma, seja pertencendo à redação, e com isso conquistando um espaço de trabalho, seja como escritora e ou leitora, o que possibilita expressar sentimentos e diminuir as dores geradas pelo encarceramento.

O estudo sobre os sentidos da escrita de mulheres privadas de liberdade a partir desse impresso possibilitou compreender discursos, relações e práticas e dar-se a ouvir as apenadas. Na conquista de autonomia, de espaço e de identidade social, possivelmente, o impresso *Só Isso!* representa um avanço, possibilitando que, a partir da escrita, essas mulheres possam aliviar suas tensões, transmitam uma ideia de si, reinterpretem suas vidas na busca pela reconstrução de suas histórias, na medida em que refletem sobre sua condição atual de apenadas e projetam um futuro melhor para além dos muros e grades da prisão.

Ao finalizar este trabalho, percebemos os motivos que levaram essas mulheres à inserção no mundo do crime, as relações familia-

res, os sentidos que a prisão assume em suas vidas, arrependimentos e aprendizados que são temas recorrentes nas narrativas autobiográficas dessas mulheres. O impresso *Só Isso!* representou um avanço no sentido de possibilitar que, a partir da escrita, essas mulheres possam aliviar suas tensões, transmitir uma ideia de si, reinterpretar suas vidas na busca pela reconstrução de suas histórias, na medida em que refletem sobre sua condição de apenadas e projetam um futuro melhor para além dos muros e grades da prisão.

Concluo este texto lamentando o fato de o *Só Isso!* não mais existir e com a esperança de que outras propostas como essa surjam, a fim de melhorar a condição de vida daqueles que se encontram nos estabelecimentos penais de todo o país. Esta pesquisa é uma pequena contribuição, mas, a partir dela, é possível perceber que os caminhos e desafios são árduos e muito trabalho será necessário.

Referências

- BARBOSA, Inês. Aprendendo com os cadernos escolares: sujeitos, subjetividades e práticas sociais cotidianas na escola. In: MIGNOT, Ana Chrystina V. (org.). **Cadernos à vista**: escola, memória e cultura escrita. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2008. p. 139-144.
- CARVALHO, Marta Maria Chagas de. Pedagogia da Escola Nova e usos do impresso: itinerário de uma investigação. **Revista do Centro de Educação da UFSM**, Santa Maria, v. 30, n. 2, p. 87-104, 2005.
- DIAS, Camila Caldeira Nunes. **A igreja como refúgio e a Bíblia como esconderijo**: religião e violência na prisão. São Paulo: Humanitas, 2008.
- MIGNOT, Ana Chrystina Venâncio; BASTOS, Maria Helena Camara; CUNHA, Maria Tereza Santos (org.). **Refúgios do eu**: educação, história e escrita autobiográfica. Florianópolis: Editora Mulheres, 2000.
- NÓVOA, Antonio. A imprensa de Educação e Ensino: concepção e organização do repertório português. In: CATANI, Denice; BASTOS, Maria Helena Camara.

Educação em revista: a imprensa periódica e a história da educação. São Paulo: Escrituras Editora, 2002. p. 11-31

OLIVEIRA, Ana Arlinda de. **Leitoras Aprisionadas:** histórias de vida e leitura narradas na Penitenciária Feminina em Cuiabá - Mato Grosso. 2010. Pós-Doutorado, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2010.

SANTA RITA, Rosangela Peixoto. **Mães e crianças atrás das grades:** em questão o princípio da dignidade da pessoa humana. Brasília, DF: Ministério da Justiça, 2007.

SOARES, Bárbara Musumeci Soares; ILGENFRITZ, Iara. **Prisioneiras:** vida e violência atrás das grades. Rio de Janeiro: Garamond, 2002.

SÓ ISSO!: jornal da Penitenciária Talavera Bruce: Rio de Janeiro: ano 1, n. 1, maio 2004a.

SÓ ISSO!: jornal da Penitenciária Talavera Bruce: Rio de Janeiro: ano 1, n. 2, ago. 2004b

SÓ ISSO!: jornal da Penitenciária Talavera Bruce: Rio de Janeiro: ano 1, n. 4, dez. 2004c.

SÓ ISSO!: jornal da Penitenciária Talavera Bruce: Rio de Janeiro: ano 2, n. 6, maio 2005.

SÓ ISSO!: jornal da Penitenciária Talavera Bruce: Rio de Janeiro: ano 3, n. 8, jan. 2006a.

SÓ ISSO!: jornal da Penitenciária Talavera Bruce: Rio de Janeiro: ano 3, n. 9, maio 2006b.

SÓ ISSO!: jornal da Penitenciária Talavera Bruce: Rio de Janeiro: ano 3, n. 10, set. 2006c.

SÓ ISSO!: jornal da Penitenciária Talavera Bruce: Rio de Janeiro: ano 4, n. 2, ago. 2007.

SOUZA, Elizeu Clementino de; BALASSIANO, Ana Luiza Grillo; MILON OLIVEIRA, Anne Marie. Imagens e narrativas sobre (auto)biografias, resistência e empoderamento: diálogos iniciais. In: SOUZA, Elizeu Clementino de; BALASSIANO, Ana Luiza Grillo; MILON OLIVEIRA, Anne Marie (org.). **Escrita de Si, resistência e empoderamento.** Curitiba: CRV, 2014. p.13-23.

VARELLA, Dráuzio. **Estação Carandiru.** São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

Recebido em: 20/12/2024

Revisado em: 25/04/2024

Aprovado em: 06/05/2024

Publicado em: 21/05/2024

Daiane de Oliveira Tavares é professora substituta da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), pós-doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) na linha de pesquisa Instituições, Práticas Educativas e História. Doutora em educação pela UERJ, realizou doutorado sanduíche na Universidade de Alcalá, Espanha. *E-mail:* doliveiratavares@yahoo.com.br